

Processos de recategorização de personagens afiliados ao universo lendário amazônico

Heliud Luís Maia Moura

Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), Santarém, Pará, Brasil
heliudlmm@yahoo.com.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i3.763>

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar processos de recategorização de personagens afiliados ao universo lendário amazônico. Tomo como referencial teórico as postulações de Koch (2004), Marcuschi (2007), Moura (2013) e Roncarati (2010), para os quais os processos referenciais ligados à (re)categorização constituem recursos por meio dos quais o produtor do texto consegue dispor de aspectos relevantes ao processo de construção de um referente. Não se trata de um simples processo de renovação lexical, mas de uma estratégia cognitivo-discursiva em que os referentes de uma cadeia textual passam a apresentar diferentes formatos. Utilizo excertos de narrativas de Boto, Cobra, Matintaperera e Curupira. Essas recategorizações se realizam por meio do estabelecimento de “novas” qualificações ou atributos para referentes.

Palavras-chave: linguística textual; recategorização; narrativas; lendário amazônico.

Re-categorization Processes of Characters Affiliated to the Amazon Legendary Universe

Abstract: This article aims to analyze the re-categorization process of characters affiliated with the legendary Amazonian universe. The theoretical reference employed in this paper comprehends Koch's (2004), Marcuschi's (2007), Moura's (2013) and Roncarati's (2010) postulates. According to these authors, the reference processes related to (re-)categorization are resources through which the text producer can have important aspects for the process of constructing a referent. It is not a simple lexical renewal process, but a cognitive-discursive strategy in which the referents of a text string start to present different formats. Excerpts from narratives about the characters known as Boto, Cobra, Matintaperera and Curupira are used. These re-categorizations are achieved through the establishment of "new" qualifications or attributes for referents.

Keywords: text linguistics; re-categorization; narratives; legendary Amazon.

Introdução

A recategorização constitui uma atividade complexa, resultante da dinâmica transformadora a que estão sujeitas as categorias, já que se inserem em processos simbólicos e históricos. De acordo com essa visão, observemos o que diz Roncarati (2010, p. 43):

Em uma concepção sociointerativa, a atividade referencial não pressupõe uma estabilidade *a priori* das entidades no mundo e na língua: ela se verifica através da construção de objetos cognitivos e discursivos que não estão disponíveis como uma categoria única, estável e pronta para ser empregada; ao contrário, ela conforma objetos

de discurso a partir da plasticidade das denominações e categorizações sociais, cognitivas e contextuais. Dito em outros termos, a referenciação é uma construção colaborativa que emerge de práticas simbólicas e sociais: os objetos de discurso podem apresentar modificações sensíveis ao contexto ou ao ponto de vista intersubjetivo, evoluindo na progressão textual à medida que lhes são conferidas novas categorizações e atributos.

Mediante as proposições acima, podemos ter a recategorização como um fenômeno semântico-discursivo no qual os referentes sofrem algumas modificações ou alterações em suas propriedades, sem, no entanto, perdê-las. Nesse caso, as modificações operam em nível do que podemos considerar como mais acessório e não substancial no que concerne à constituição desses referentes, podendo afetar apenas elementos transitórios e predicativos quando da recolocação destes na cadeia textual.

Podemos afirmar, então, que a recategorização constitui um recurso por meio do qual o produtor do texto consegue dispor de novas facetas ou aspectos relevantes no processo de construção de um referente, seja ele um referente principal ou secundário. Não se trata, como já dito, de um simples procedimento de renovação lexical, mas de uma estratégia cognitivo-discursiva na qual os referentes de uma cadeia textual passam a apresentar diferentes “formatos” relativos à sua constituição simbólica, na tarefa de construção de um dado texto, que, por seu turno, não constitui uma tarefa mecânica, artesanal ou artefactual e sim uma atividade sociocognitiva para a qual confluem objetos referenciais diversos, reconstrutores das práticas socioculturais, passíveis de novas categorizações e atributos. O que torna também o fenômeno em questão propenso a novas interpretações e análises.

Referencial Teórico

Nos dizeres de Marcuschi (2007), a referenciação constitui uma instância sociodiscursiva e sociointerativa por meio da qual construímos o mundo de nossas vivências. Assim, o ato de referenciar demanda um conglomerado de processos e fatores sociocognitivos, nos quais as diversas experiências adquiridas e elaboradas socialmente são reconstruídas e transmitidas via ações e interações de diferentes naturezas. Logo, ampliando um pouco o que aqui foi parafraseado, o autor afirma ainda que:

[...] a construção referencial deve ser tida como central na aquisição da língua, estendendo-se a todas as ações linguísticas. Considerando que a língua em si mesma não providencia a determinação semântica para as palavras e as palavras isoladas também não nos dão sua dimensão semântica, somente uma rede lexical situada num sistema sócio-interativo permite a produção de sentidos. Assim, dizer que todo sentido é situado equivale a postular que nada se dá isoladamente. (MARCUSCHI, 2007, p. 69-70)

Considerando o modo como os processos referenciais atuam na reconstrução da realidade biossocial e cultural, vejamos como Koch (2004) se posiciona em relação ao fenômeno da referenciação:

A referenciação constitui, assim, uma atividade discursiva. O sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, operando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização de

sua proposta de sentido (Koch, 1999; 2002). Isto é, os processos de referenciação são escolhas do sujeito em função de um querer-dizer. Os objetos-de-discurso não se confundem com a realidade extralinguística, mas (re)construem-na no próprio processo de interação. Ou seja, a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural.

Assim sendo, defendemos a tese de que o discurso constrói aquilo a que faz remissão, ao mesmo tempo que é tributário dessa construção. Como dissemos, todo discurso constrói uma representação que opera como uma memória compartilhada (memória discursiva, modelo textual), “publicamente” alimentada pelo próprio discurso (Apothéloz & Reichler-Béguelin, 1999), sendo os sucessivos estágios dessa representação responsáveis, ao menos em parte, pelas seleções feitas pelos interlocutores, particularmente em se tratando de expressões referenciais. (KOCH, 2004, p. 61)

Conforme expresso pela citação da autora, posso afirmar que a referenciação constitui um conjunto de estratégias por meio das quais o sujeito dá sentido ao mundo biossocial, não só reconstruindo-o por meio de suas interações, mas imprimindo novas significações ao que já está significado, desconstruindo, refutando, anulando ou acrescentando sentidos que se façam necessários a essas interações, permeadas sempre pela contradição, pelos paradoxos e mesmo pelos desacordos, inerentes às vivências humanas em suas várias dimensões e estágios. Portanto, levando em conta essa perspectiva, torna-se importante considerar que as estratégias discursivo-referenciais constituem recursos essenciais à execução da atividade verbal, na qual estão incluídos processos como repredicação de referentes, cataforização, recategorização.

Elementos constituintes da estrutura de determinados textos, como os analisados neste trabalho, podem ensejar a presença de alguns tipos de recursos referenciais, construindo uma espécie de perfil destes. Mas, por outro âmbito, a construção desse mesmo perfil pode estar também associada à própria temática veiculada por tais produções, como a mobilização de sentidos que, direta ou indiretamente, podem restringir e/ou delimitar a forma de gerenciamento de elementos textuais-discursivos ligados a processos referenciais. É nesse sentido que postulo a favor de características específicas quando da análise dos textos das narrativas aqui estudadas, o que se dá não só em razão do estilo do autor dessas histórias, mas também em detrimento do fato de que estas comportam características semântico-discursivas particulares; nesse caso, associadas a temáticas e/ou sentidos inscritos na tradição lendária amazônica. Por essa perspectiva, é possível afirmar que os processos referenciais não emanam dos próprios textos, mas estão insustentavelmente engatilhados em estruturas cognitivo-culturais de referência, as quais passam a interferir nos processos de construção desses textos, que aí adquirem uma significação coadunada com as práticas em circulação em um dado contexto.

De acordo com Moura (2013), dentre os processos referenciais, temos a recategorização, que constitui uma atividade discursiva por meio da qual um determinado referente adquire, no processo de construção textual, novas características e atributos, concorrendo tal atividade para a progressão temático-tópica do texto. Nesse sentido, determinados referentes, como os analisados neste trabalho, passam a ser reconstruídos, de forma a obter qualidades extensivas em relação a uma atribuição

básica colocada anteriormente no texto. Por conseguinte, posso afirmar que essas estratégias são também instrumentos usados pelo escritor do texto para conferir à narrativa determinadas especificidades ou inovações, mais precisamente no que diz respeito às formas de reelaboração de personagens afiliados ao universo do lendário, cujos atributos já foram reificados por uma certa tradição relativa ao ambiente cultural onde foram construídos.

Análise dos dados

Conforme se pode observar no *corpus* em investigação, os personagens afiliados ao lendário, nas narrativas estudadas, são recategorizados, o que significa afirmar que eles sofrem alterações semânticas e formais dentro do quadro de cada uma dessas histórias, adequando-se aos objetivos interacionais do produtor do texto. Assim, tendo em conta que, em cada história, temos as formas específicas de um referente tópico se realizar, as recategorizações constituem recursos discursivos que operam no sentido de conferir uma dinâmica no que concerne à própria evolução desse referente ou personagem dentro do processo narrativo.

Por outro lado, ao observar os processos de construção de referentes temáticos expressos nas histórias em análise, é possível ainda postular a premissa básica de que as recategorizações se realizam por meio das seguintes estratégias: (i) colocação de outras características e consequentes renomeações para referentes temáticos já existentes no co(n)texto; (ii) colocação de qualidades ou atributos extensivos para esses referentes; (iii) alteração ou modificação nas propriedades de um referente, mas que ainda conserva seus atributos essenciais. Por conseguinte, posso afirmar que essas estratégias são também instrumentos usados pelo escritor do texto para conferir à narrativa determinadas especificidades ou inovações, mais precisamente no que diz respeito às formas de reelaboração de personagens afiliados ao universo do lendário, cujas características já foram reificadas por uma certa tradição relativa ao ambiente cultural onde foram construídos.

Vejam-se os excertos onde constam os exemplos:

- (1) [...] Um dia, acompanhado de amigos, pegou o barco e foi a uma festa. Benevenuto ia falando que não acreditava nas histórias que contavam. E falou de novo:

- Eu até queria ver *uma encantada destas...* Mas que fosse *muito bonita...*

Foram pra festa e dançaram, dançaram, dançaram... Quando terminou, Benevenuto separou-se dos demais e dirigiu-se para o barco sozinho. Ao se aproximar, viu *aquela linda mulher, loura e muito bem feita de corpo*, que se insinuou. Benevenuto era mulherengo, mas desta vez ficou receoso. E *a mulher* foi se jogando pra cima dele. Benevenuto de repente desconfiou e pensou nas coisas que havia falado e nos desafios que tinha feito.

“- Pois eu queria que me aparecesse *uma encantada destas*. Mas que fosse *uma mulher muito bonita...*”

E ali estava. Benevenuto ficou com medo, muito medo. Ele, Benevenuto, mulherengo e com medo de mulher. Podia um negócio deste? Mas estava. *A mulher* avançando, ele recuando, até que ela tentou agarrá-lo... Benevenuto sempre usava um pequeno facão no fundo do barco e que naquele instante estava em suas mãos. Com o medo que estava, não pensou duas vezes: passou o

facão na *cintura da mulher*, que caiu na beira da praia, próximo ao barco, *morta...*! (MONTEIRO, 2000a, p. 19-20).

(2) [...] Velho continuou sua narrativa que ia se tornando empolgante, principalmente depois que perguntei a razão de terem medo da Ilha Redonda.

- É que a Ilha era morada de *uma Cobra Grande encantada*. O seu nome era *Joãozinho*.

- Como é que é? Interrompi a fala do Velho. *Uma Cobra Grande* com o nome de *Joãozinho*?

- Sim, senhor! *Joãozinho*! *Joãozinho* era o nome da *Cobra Grande*, pois ela era encantada! E ela morava debaixo da Ilha Redonda. E a Ilha andava de um lado pro outro. Às vezes amanhecia defronte do trapiche de Gurupá.

- Velho, mas o que é isto já de ilha andar? Nunca ouvi falar nisto na minha vida! Ilha encantada, tudo bem, já ouvi várias histórias. Mas, ilha andar? Como é já que uma ilha anda?

- É assim como lhe disse. Ela não parava num lugar. Ela se locomovia no rio como se estivesse andando nele. Mas deixe eu continuar a história. Neste tempo, morava em Ribeirinha, uma localidade perto de Gurupá, *um senhor* chamado *Secundino*, que era *grande curador*. *O Secundino* era *muito amigo de Joãozinho* e, quando chegava à noite, eles viajavam pelo Rio Amazonas.

- Mas, como? O *Joãozinho* não era uma *Cobra Grande*? Como é que eles viajavam? O *Secundino* ia montado na *Cobra*?

- Nada disso. Já lhe disse que *Joãozinho* era *uma Cobra Grande encantada* (Velho frisou bem o **encantada**). E como era encantada, de noite virava um navio iluminado. *O Secundino* ia dentro do navio. Eles iam viajando pelo rio, mas não faziam mal a ninguém. Mas as pessoas tinham medo...

- Se não faziam mal, as pessoas tinham medo de quê?

- Mas, o senhor já pensou? Uma ilha sair andando por aí e *uma cobra* virar *navio* e ainda o curador ia lá dentro? Sem falar que perto da Ilha se ouvia zoadá vinda do fundo, era um falatório danado, isto quer de dia, quer de noite, se ouvia galo cantar, era aquele rebojo... Isto tudo fez as pessoas ficarem incomodadas e temerosas. Então elas falaram com o padre, que foi batizar a Ilha Redonda e aí acabou todo este negócio...

- Um padre batizou a Ilha?

- Foi. E como eu disse, as pessoas não aguentavam mais ver a Ilha sair andando e o *Secundino* viajando no navio que era a *Cobra Grande Joãozinho*.

- Qual era o nome do padre?

- Era Dom Clemente, um padre lá de Altamira. Ele foi lá, batizou a Ilha e acabou com toda aquela marmota... Dizem que *Joãozinho* se mudou de lá pro Alto Amazonas depois que o *Secundino* morreu. [...]. (MONTEIRO, 2003, p. 17-18)

(3) [...] Bragança, como é por demais sabido, é um município devoto de São Benedito. Pois bem, a localidade de Campo Baixo não podia ser diferente. Lá também cultuavam e faziam festa para São Benedito. E foi justamente no dia de uma ladainha para São Benedito que... Ah! Ia esquecendo! Naqueles dias de um ano qualquer da década de cinquenta, que Aguinaldo não se lembra com precisão qual foi, ouviam, à noite, o assobio de *uma Matinta Perera*. E os moradores se perguntavam: - Quem poderia ser? Afinal, nas localidades pequenas, todo mundo conhece todo mundo e não faziam ideia de qual *moradora* carregava a sina de virar *Matinta*

Perera. Naquele dia, ou melhor, naquela noite distante, os moradores de Campo Baixo, reunidos em ato de fé, realizavam uma ladainha para São Benedito e se locomoviam de um lugarejo para outro, rezando sempre. De repente ouviram o bater de asas e, ao olharem para cima, viram ainda *um pássaro de regular tamanho, com grandes asas* semelhantes a ameçaba (tipo de porta usada no interior feita de palha trançada) como que se atrapalhar e cair na mata, bem em cima de um tucumanzeiro. Quase que a ladainha acaba: todos praticamente correram para ver do que se tratava e, ao chegarem no dito tucumanzeiro, qual a surpresa: lá estava *D. Chiquinha, conhecida lavradora do local, toda ferida*, gritando muito, pedindo socorro, que a livrassem dos espinhos e das palmas do tucumanzeiro... Foi uma luta para tirarem *D. Chiquinha* lá de cima, o que só foi conseguido com muita dificuldade... E, por mais incrível que pareça, *D. Chiquinha, a Matinta Perera de Campo Baixo*, sobreviveu... Mas deixou uma lição: Lobisomem ou Matinta Perera não podem ver coisas sagradas nem ouvir nem pensar o nome de Deus, que o encanto se desfaz na hora! E foi o que aconteceu com *D. Chiquinha*: ela, como *Matinta Perera*, estava cumprindo a sua sina, porém, ao sobrevoar a ladainha de São Benedito, olhou para baixo, ouviu o nome de Deus, o encanto se desfez, e já em forma de gente, despencou lá de cima, caindo no tucumanzeiro... (MONTEIRO, 2000b p. 12-14)

- (4) [...] “Nosso roçado era muito grande e nele trabalhavam todos os membros da minha família: meus pais, meus irmãos e cunhados. Entre estes, havia um, de nome Ulisses, que era um rapaz muito trabalhador. Numa tarde, estávamos todos nós para um lado do roçado, e Ulisses, sozinho, estava trabalhando noutro local, um pouco distante. Eram cerca de seis horas da tarde quando ouvimos gritos de socorro. A voz não enganava: era Ulisses. Corremos na direção dos gritos e ali encontramos Ulisses apavorado, sem conseguir sair de onde se encontrava. Mal conseguia falar. Quando pôde dizer alguma coisa, contou que estava trabalhando, quando sentiu como que *uma presença* perto de si. Ao olhar em torno, deu com *aquele caboclinho* bem perto. Espantou-se. Mais ainda porque não ouvira nenhum sinal de sua aproximação. Entretanto *o caboclinho* estava ali, a olhá-lo atentamente. *Todo nu, o corpo moreno* parecia feito de lascas de madeira marrom, como se fosse uma proteção...

Neste momento, Ulisses quis se mexer e não conseguiu. Sentiu-se estontear e pareceu ter perdido a noção do lugar, como se não soubesse onde estava... Foi quando começou a gritar. Ele não viu que direção tomou *o caboclinho*, só que quando chegamos não encontramos *ninguém* ali... Às 6 horas da tarde, no mato, fica tudo escuro como se fosse noite. Mas Ulisses afirmou que havia se encontrado com *o Curupira*. Não soube dizer porque sentiu tanto medo, até porque *o caboclinho* não lhe fez mal nenhum. Como disse antes, sempre vivemos de bem com a Natureza e a respeitamos e por isso mesmo estávamos surpresos. Mas a verdade é que Ulisses ficou apavorado...

Começamos a fazer perguntas, como era *o Curupira*, porque embora nós sentíssemos sua presença, nunca nenhum de nós o tinha visto. Só ouvíamos as histórias, inclusive de *suas mundiações*, quando fazia os caçadores se perderem no mato...

Ulisses respondia a todas as perguntas: dizia que era *um curumim (menino)*, *um caboclinho mesmo*, que estava *nu*, que seu corpo parecia de pequenas placas de alguma coisa como se fosse madeira de cor marrom... Quando perguntávamos se tinha mesmo os pés virados para trás, Ulisses ria e não respondia nem que sim, nem que não... Mas ele levou um grande susto. A história se espalhou pela Serra de Parintins e durante muito tempo se falou no encontro com *o Curupira*...”. (MONTEIRO, 2000c, p. 20-21)

- (5) [...] “- No início do ano, lá no alto Rio Anapu, Município de Portel, um caçador saiu à noite pra caçar. Seu nome era Francisco Medeiros dos Santos. Ele entrou na mata e já estava bem distante da casa dele. De repente caiu uma forte chuva, deu uma trovoada, e ele ficou assim perto de um pau grande pra se proteger. Mas a chuva aumentou e aí ele viu um pau maior, assim de uns três metros de largura, que tinha um grande buraco. Ele se dirigiu pra lá e aí viu que tinha já *uma mulher* lá dentro. Ele não viu direito, porque era noite, mas era *uma Curupira*. Ele já estava lá e aí pensou: ‘- Bem, eu não vou voltar. Vou dividir o espaço com *esta mulher*. Ela fica prum lado e eu fico pro outro.’ E assim fez. E ficaram os dois lá, dentro do buraco do pau.

Ele acabou deitando e já estava quase dormindo, quando *a mulher* veio, se chegou e se deitou no braço dele. Aí, sabe como é, né? Eles acabaram se agarrando e fazendo amor. Amanheceram os dois lá dentro do buraco do pau, agarradinhos. Foi só aí que ele viu que ela era *uma Curupira*.”

Neste ponto da narrativa eu intervi: - E como era *essa Curupira*?

“- *Era uma mulher em carne, a feição dela é que modifica, com o cabelão comprido e os pés dela pra trás.*

Mas como eu tava dizendo, eles acordaram e foram juntos até perto da casa dele. Aí ela se despediu, propondo novo encontro dentro de três dias num lugar que ela marcou. [...]”. (MONTEIRO, 2001, p. 19-20)

Para esta análise, utilizo 05 (cinco) excertos relativos aos 04 (quatro) personagens das narrativas em estudo, nos quais observo algumas estratégias de recategorização dos referentes temáticos já mencionados. Essas recategorizações se realizam por meio do estabelecimento de “novas” qualificações ou atributos para referentes postos no texto, entendendo que essas reformulações de sentido-forma estão ligadas à progressão temática do texto e implementadas em função da introdução de eventos novos no contínuo da atividade narrativa.

Nos exemplos do excerto 1, o referente introduzido logo no início do processo narrativo – *Bôtas* – é recategorizado por meio do recurso de inserção de um elemento qualificativo ou caracterizador, no caso, a expressão nominal indefinida *uma mulher muito bonita*. Mas, no decorrer da progressão tópico-referencial¹, um novo referente é introduzido, a expressão definida *uma encantada destas*, que tem como elemento recategorizador a expressão nominal *muito bonita*, que passa também a ser reconstituída pela expressão definida *aquela linda mulher*, e que tem como elementos reconstituidores as formas *loura e muito bem feita de corpo*. Mais adiante, tais formas são atualizadas pela expressão *a mulher*.

No decurso da progressão tópico-referencial, o referente em questão é retomado pelas expressões indefinidas *uma encantada destas* e *uma mulher muito bonita*, as quais já haviam sido postas no decurso do tópico, de modo a recolocar expressões recategorizadoras já expressas anteriormente. Este contínuo de expressões reconstitutivas atua na perspectiva não só de renomear o elemento já posto na cadeia referencial, mas também no sentido de conceder-lhe outros atributos, fazendo-o apresentar-se por meio de outras formas no texto, que passam a alterar de maneira significativa a construção inicial de um determinado objeto-de-discurso. Nesse caso, um objeto temático ligado à personagem afiliada ao universo lendário: uma *Bôta*, que se institui como central para a construção do tópico em questão.

Por fim, o mencionado referente é retomado pela expressão genérica *medo de mulher*, mas novamente reconstituído pelo elemento definido *a mulher*, que se encontra, aí, em termos de cotexto, recategorizado por meio das formas nominais *cintura de mulher e morta*.

¹ No sentido aqui tomado, a expressão progressão tópico-referencial diz respeito ao fato de que, no decurso da progressão textual, alguns referentes podem sofrer certas alterações semântico-discursivas, o que pode se dar em razão da própria forma como o tópico é gerenciado em termos mais estritos da cadeia referencial inerente a esse mesmo tópico.

Todas as expressões recategorizadoras, aí descritas, reconstroem o referente genérico *Bôtas* que, por meio de vários processos referenciais, reconstroem esse referente de forma a (re)atualizar um referente sociocognitivo ou cognitivo-cultural já situado no universo amazônico, a partir do qual a narrativa em questão é produzida.

No excerto 2, temos várias formas de recategorização do referente *uma Cobra Grande encantada*. A primeira se dá pela expressão referencial *Joãozinho*. Depois pela expressão indefinida *uma Cobra Grande*, que passa a ser repredicada pelo nome *Joãozinho* e que implica uma recategorização ou a repetição de uma forma recategorizadora de um elemento já posto preliminarmente no texto. Assim, no jogo da sequenciação temática, as recategorizações se realizam nas formas *Joãozinho*, *a Cobra Grande*, passam pelo referente *encantada* e chegam, mais uma vez, na forma *Joãozinho*, que é, novamente, recategorizada em quatro expressões, as quais voltam a operar na cadeia textual: *uma Cobra Grande*; *a Cobra*; *uma Cobra Grande encantada*; e *Cobra Grande Joãozinho*. Como se pode observar nos exemplos, as expressões nominais recategorizadoras de um referente introduzido, e que é também recategorizador da expressão inicial (*uma Cobra Grande encantada*), operam como elementos que, de diversas maneiras, alteram as características do referente, mas não quebram com esse referente temático, apenas alteram alguns de seus atributos ou significações, conferindo-lhe uma dinâmica coadunada à natureza dos eventos postos em ação na atividade narrativa.

Neste mesmo excerto, o referente posto em curso – *um senhor* – é recuperado pela expressão nomeadora *Secundino*, a qual é recategorizada pelo elemento nominal *grande curador*. Esses elementos têm o papel de reconstituir o referente, adequando-o com mais propriedade ao projeto de dizer do narrador, ou seja, aquele que está em detrimento de uma história cujo sentido se volta para a construção de um enredo direcionado para uma entidade típica do mundo amazônico: a *Cobra Grande*.

No que concerne ao trecho 3, a entidade que aí se introduz como referente é uma *Matinta Perera*, recategorizada na forma indefinida *moradora*. No entanto, no decurso da progressão temática, a forma *Matinta Perera* passa a ser transcategorizada² por meio das expressões indefinidas: *um pássaro de regular tamanho* e *grandes asas*. Dando prosseguimento ao sequenciamento tópico, novas recategorizações do referente inicial se inserem no contínuo textual, a saber: *D. Chiquinha*; *conhecida lavradora do local*; *toda ferida*, que apontam, logo a seguir, para o referente *D. Chiquinha* e que, finalmente, passa a ser recategorizada na expressão *a Matinta Perera de Campo de Baixo*.

Considerando o trecho sob análise, podemos dizer que os processos de recategorização dos referentes, aí apontados, incluem recursos em que as alterações nas propriedades do personagem temático em questão se dão em detrimento de diversas formas por meio das quais esse personagem é construído culturalmente. Logo, essas recategorizações não se dão como fenômenos ou objetos ficcionais e em si mesmas, mas

² Ao referir ao fato de que a forma *Matintaperera* é transcategorizada nas expressões *um pássaro de regular tamanho* e *grandes asas*, estou dizendo que o objeto-de-discurso em questão (a *Matinta*) passa a se realizar por meio de elementos pertencentes a outra categoria, no caso *pássaro* ou *ave*, aí expressos em referentes que não estão associados diretamente a *uma velha* – a não ser quando compartilhados culturalmente pelo processo de metamorfose, no qual essa velha se transforma num pássaro ou ave. Isso pode configurar, no caso do exemplo em análise, que esses referentes constituem recategorizações do objeto-de-discurso em questão, antes introduzido no texto.

são produto de elaborações ou reelaborações de objetos simbólicos, no caso, ligados a um conjunto de significações por meio das quais a entidade Matintaperera subsiste.

Quanto ao excerto 4, relativo a uma história de Curupira, observamos que, no princípio do processo narrativo, há a introdução de um referente “neutro”, mais geral: *uma presença*, que, de maneira precípua, aponta para um elemento a ser colocado mais adiante no segmento textual – *aquele caboclinho*. Este último opera uma alteração lexical no referente inicialmente introduzido, concedendo-lhe um estatuto mais específico e definido dentro da progressão tópica. No decorrer desse contínuo tópico, temos a repetição desse elemento já alterado, que agora vem expresso por meio da forma nominal definida *o caboclinho*, mas que se recategoriza novamente nas expressões *todo nu e o corpo moreno*, nas quais têm-se novas especificações qualificadoras acerca do referente temático em “evolução”³ na estrutura referencial. Havendo ainda, nesta, um novo retorno à forma *o caboclinho*, a qual, numa estratégia narrativa de *plot* (cf. 2ª Categoria), é retomada pela forma neutra *ninguém*, tendo-se, por fim, a última recategorização do elemento temático em curso: *o Curupira*. Logo, como pudemos ver, o referente que é objeto da ação narrativa passa por uma sequência de recategorizações, chegando, finalmente, a ser instituído e nomeado como *o Curupira*, uma personagem que se configura como (bem) conhecido do universo cultural amazônico.

Dando prosseguimento à análise do excerto, observamos que o referente *o Curupira* passa a ser recuperado no sequenciamento frástico pela expressão *o caboclinho*, que, nessa altura da progressão tópica, se institui como correferencial da forma *o Curupira*, tendo em conta o fato de que, no âmbito do co(n)texto mais estrito, uma forma é retomada pela outra, corroborando-se, aí, diferentes predicções para um mesmo referente tópico.

No terceiro parágrafo do trecho em discussão, a forma *o Curupira* volta a ser colocada, sendo aí, anaforizada pelas seguintes expressões ou formas: a forma possessiva *sua presença*; o pronome oblíquo *o*; a expressão *suas mundiações*; e pela elipse pronominal contida no verbo *fazia*. Porém, no último parágrafo do trecho em pauta, a expressão *o Curupira* – presente no parágrafo anterior – sofre recategorizações mais redefinidoras do tipo: *um curumim; menino; um caboclinho mesmo; que estava nu; seu corpo parecia de pequenas placas de alguma coisa como se fosse madeira de cor marrom*. Logo, é válido advogar que essas recategorizações atuam como elementos que contribuem para a construção do referente temático; contudo, sua função principal é também contribuir para a progressão dos eventos e fatos que, no conjunto tópico, constroem a atividade discursiva posta em ação.

No trecho 5, temos, a princípio, a introdução do referente *uma mulher*. Dessa vez, a forma inserida é uma expressão nominal indefinida feminina, cuja recategorização vem manifesta, no período seguinte, na forma *uma Curupira*. No entanto, na sequenciação tópica, esta forma é retomada pelas expressões *esta mulher e a mulher* e que, na cadeia referencial, definem o referente por alguns de seus aspectos caracterizadores e que, mais adiante vem lexicalizado novamente pelas formas *uma*

³ Quando falo de referente temático em “evolução”, reporto-me ao sentido de que um dado referente passa por modificações no decorrer da composição da estrutura referencial do texto que está sendo produzido, coadunando-se não só com o tópico que está em construção, mas também com as formas sociossimbólicas através das quais esse referente é “elaborado” numa certa cultura.

Curupira e essa Curupira, passando ainda pelas formas recategorizadoras: *uma mulher em carne; a feição dela é que modifica; o cabelão comprido; os pés dela para trás*, que atuam como um conjunto de elementos predicadores e, ao mesmo tempo, como reelaborações do personagem temático introduzido no texto. Assim, essa cadeia de referentes constitui um conjunto de instruções por meio das quais o personagem temático é constituído no cotexto em questão, estando esse conjunto de expressões qualificadoras atreladas ao contexto cultural no qual a entidade afiliada ao lendário é produzida; nesse caso, em nível das atividades verbais orais e escritas em circulação na sociedade amazônica.

Para ser mais preciso em relação às análises apresentadas nesta categoria, postulo que as expressões recategorizadoras relativas aos referentes/personagens analisados, nos textos aqui focalizados, são resultantes de processos cognitivos envolvidos na construção desses entes, dos quais se “apropria” o produtor de tais narrativas. Por sua vez, esses processos são produto do próprio contexto sociocultural em que histórias dessa natureza são (re)contadas e/ou produzidas. Nesse âmbito o produtor implementa determinadas escolhas que, de uma forma ou de outra, estão associadas aos modos de (re)categorização social dos citados entes, com “inserções” recategoriais adequadas ou coerentes com o seu propósito intercomunicativo.

Logo, se o escritor dessas narrativas opera textualmente com certos tipos de recategorização relativas a tais entes, é porque “tem em conta”⁴ o alcance dessas reconstruções categoriais para a ação sociointeracional colocada em andamento nas histórias que produz, estando aí embutidas formas de compreensão coletiva dessas entidades, com as quais compartilha e do que se utiliza para reconstruir simbolicamente o que considera como relevante em termos de compreensão do universo cultural a que pretende dar ênfase em suas produções.

A tabela, logo abaixo, mostra as ocorrências de elementos ligados à Recategorização de Personagens de narrativas afiliadas ao universo lendário:

Tabela 1. Processos de recategorização de personagens afiliados ao universo lendário amazônico

Narrativas referentes aos personagens lendários	Boto	Cobra	Matintaperera	Curupira	Total
Número de Narrativas	04	05	05	03	17
Ocorrência de elementos recategorizados	11	55	20	21	107
Percentual (%)	10,28	51,40	18,69	19,63	100

Fonte: Revista Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia.

Conforme a tabela, temos um total de 107 ocorrências de processos de recategorização, resultando numa média de 6,29 desses processos por narrativa. No que diz respeito ao percentual, a maior incidência desse fenômeno aconteceu nas histórias de Cobra, com 51,40%. Tendo-se, logo a seguir, as de Curupira, com um índice de 19,63%. Nas histórias de Matinta, esse índice chegou a 18,69% e, finalmente, nas de Boto, esse percentual atingiu 10,28%.

⁴ O fato de o escritor “ter em conta” o alcance de certas reconstruções categoriais, no âmbito sociointeracional, não implica sempre ou necessariamente uma atitude consciente e/ou deliberada quando do processo de reconstrução dos referentes sociossimbólicos focalizados neste trabalho e nesta seção.

Mediante os dados, observamos uma grande quantidade de elementos de recategorização ligados a personagens afiliados ao lendário, o que contribui para a estruturação sociodiscursiva dos textos das narrativas estudadas.

Considerações finais

As narrativas de Cobra tiveram a maior incidência de processos de recategorização de personagens, com 51,40% de ocorrências, evidenciando a propensão dessas narrativas no que se refere a esse tipo de fenômeno. E é válido postular acerca do fato de que essa estratégia possa ocorrer em detrimento de fatores sociocognitivos implicados na produção das narrativas relativas a esse personagem lendário, cujo próprio conhecimento ligado à sua construção sociocognitiva acarrete numa maior probabilidade de ocorrências relativas à sua recategorização, estando também aí implicada a circulação frequente de tais narrativas no contexto sociodiscursivo no qual o autor se insere e, conseqüentemente, passa a produzir histórias dessa natureza. Em termos totais de narrativas analisadas, obtive uma média de 6,29 desses processos por narrativa, o que demonstra a sua relevância enquanto estratégia referencial no *corpus* analisado.

De acordo com os dados, foram as narrativas de Cobra que apresentaram um mais elevado índice de recategorizações. Como no caso da 1ª categoria (Estratégias de Repredicação de Referentes), é possível que esse fenômeno ocorra também em detrimento do fato de que a Cobra é a personagem lendária que mais se apresenta como metamorfoseada no universo lendário amazônico; mas suscetível, portanto, de estratégias discursivas relativas à recategorização, as quais, nesse âmbito, estão ligadas às formas como o autor convoca, para o espaço das narrativas analisadas um conjunto heterogêneo e variado de processos de metamorfose referentes a tal entidade e que são mobilizados em histórias (re)contadas na Amazônia. É possível afirmar ainda que essas recategorizações sejam produto da própria dinâmica e criatividade de narradores de tais histórias, que, de uma forma ou de outra, passam a intervir no modo como Monteiro constrói suas narrativas, pois está submerso nesse universo sociodiscursivo, do qual se nutre no processo de produção desses relatos.

No que tange às narrativas de Boto, foram as que menos apresentaram estratégias de recategorização, em razão do fato de que essa entidade se constitui como uma das menos metamorfoseadas nas construções relativas ao universo lendário amazônico, conforme discutido também na 1ª categoria.

REFERÊNCIAS

- KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 61.
- MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 69-70.
- MONTEIRO, W. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*. Belém: Smith – Produções Gráficas, v.1, n.3, p. 19-20, 2000a.
- _____. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*. Belém: Smith – Produções Gráficas, v.2, n.5, p. 12-14, 2000b.
- _____. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*. Belém: Smith – Produções Gráficas, v.1, n.2, p. 20-21, 2000c.

_____. Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia. Belém: Smith – Produções Gráficas, v.4, n.9, p. 18-22, 2001.

_____. Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia. Belém: Smith – Produções Gráficas, v.5, n.12, p. 17-20, 2003.

MOURA, H. L. M. *Atividades de referência em narrativas afiliadas ao universo do lendário da Amazônia: implicações sociocognitivas e culturais*. 2013. 338 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

RONCARATI, C. N. *As cadeias de texto: construindo sentidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 43.

Recebido em: 05/10/2015

Aprovado em: 21/04/2016